

**teatro griô:  
encontros entre o teatro e a tradição oral**

**griot theater:  
encounters between the theater and the oral tradition**

*Rafael Morais de Souza*

Criador e Diretor Artístico da Companhia Teatro Griô  
Salvador - Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4335-4623>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218660>

**Resumo:** Um conto que articula memória coletiva, ancestralidade africana na diáspora, atividade didática baseada em tradição oral e práticas de afetividade que constroem e alimentam uma comunidade de terreiro de matriz cultural iorubá em Salvador, Bahia. Um exemplo de atividade didático-pedagógica alinhada com a pedagogia nagô construída pela educadora Vanda Machado.

**Palavras-chave:** (1) Teatro griô; (2) Tradição oral; (3) Iroko; (4) Cultura afro-baiana; (5) Arte-educação.

**Abstract:** A tale that articulates collective memory, African ancestry in the diaspora, didactic activity based on oral tradition and affective practices that build and nourish a terreiro community with a Yoruba cultural matrix in Salvador, Bahia. An example of a didactic-pedagogical activity aligned with the Nagô pedagogy built by educator Vanda Machado.

**Keywords:** (1) Griot theater; (2) Oral tradition; (3) Iroko; (4) African-Bahian (4) Art-education.

## Introdução

Estas palavras de nossa querida amiga e mestra Vanda Machado sobre o nascimento de nosso grupo artístico foram o mote para a tecitura deste singelo texto: “*A Companhia Teatro Griô foi partejada com muito amor aos pés do Iroko*”.

Vindos de uma trajetória particular nas vivências dos ofícios do teatro, do circo-teatro, do teatro de rua e do palhaço, minha companheira *Tânia Soares* e eu fomos convidados a visitar o *Ilê Axé Opô Afonjá* há três décadas, momento em que começou uma longa relação de cumplicidade, histórias e sonhos junto aos amigos e mestres *Carlos Petrovich* e *Vanda Machado*, em projetos que aliam a cultura afro-brasileira à arte-educação, através de vivências teatrais envolvendo a comunidade escolar e a comunidade do terreiro.

Desde então, vimos interagindo com as culturas afro-baianas, em uma constante pesquisa teórico-prática, tecendo uma cena inspirada nas narrativas de tradição oral, que produz muitos e variados encontros, a cada novo processo criativo, a cada nova sessão de histórias, a cada nova roda de conversa. Assim, partindo da singela experiência de escutar dos mais velhos do terreiro as narrativas de interação entre deuses, gente e animais astutos e sagrados, nossas almas foram tocadas com suavidade, mas com profundidade suficiente para mudar nossos caminhos estéticos, já iniciados na arte do teatro e do circo, nos fazendo trilhar o ofício de contadores de histórias.

Hoje, tocado por aquele encontro aos pés do *Iroko*, compartilho o seguinte conto de minha autoria, inspirado nas vivências daquele tempo em que nasceu um novo olhar para a vida, instigado por Vanda e Petrô através da criação e prática da companhia *Teatro Griô*.

### *Aos pés do Iroko*

Coloquei uma cadeira para *Dona Perpétua*, mais conhecida como *Dona Petinha*, sentar-se aos pés da árvore. Dava para perceber que era muito velha. Centenária. Um grande *ojá* - um laço de pano branco - envolvia o seu grosso tronco. Era uma árvore imensa, frondosa, com musgos e uma trepadeira de folhas verde-escuro que a contornavam: um pé de *Iroko*.

Acomodei as crianças em volta, em meia lua, sentadas bem juntinhas em esteiras de palha sobre o chão de terra batida. Dava pra ver que *Dona Petinha* estava feliz. Não disse uma palavra, mas seus olhinhos miúdos brilhavam. Olhava atentamente cada criança que chegava. Observava em silêncio. De vez em quando, dirigia o olhar a mim, como se estivesse achando aquilo um pouco absurdo. Mas eu senti que ela estava contente.

Assim que as crianças estavam todas ali, cheguei perto de *Dona Petinha*, agachei à sua frente, segurei nas suas mãos e perguntei se já

podíamos começar. Ela sorriu e perguntou se eu realmente sabia o que estava fazendo, tirando os meninos da escola para escutar uma velha como ela. Eu simplesmente beijei sua mão e pedi sua bênção. Ela beijou a minha mão de volta e respondeu, simples e solenemente: “*Meu pai que te abençoe, filho*”. E começou a falar comigo, como uma singela conversa, mas de maneira que pudesse ser ouvida por todas as crianças.

— *Menino, você me colocou pra falar logo aos pés de Iroko. Logo aos pés do protetor do Terreiro. Esta árvore que vocês estão vendo é uma árvore sagrada. Aliás, para a gente todas as plantas são sagradas. As folhas, a terra, os bichos, a água, o fogo, as pessoas, tudo é sagrado. E nós devemos prestar atenção a tudo e a todos.*

E continuou incluindo todas as crianças naquela conversa:

— *Esta árvore é Iroko, uns a chamam de Tempo. Até que são parecidos... É, se assemelham, só que são entidades diferentes. Gosto mesmo é dos dois, do orixá e do nkisi. Vocês já ouviram este dito? “Cada qual no seu cada qual”. Então, o povo iorubano, ou nagô, como chama a gente, cultua o orixá Iroko. Já o povo que falava a língua banto, também conhecido como da nação angola, venera mesmo o nkisi Tempo, ou Kitembo. Gosto das histórias deles dois.*

*Dona Petinha* era uma mulher culta, dona de uma palavra clara, limpa. Articulava todos os sons numa fala cadenciada. Era altiva como as chamadas “*negras do partido alto*” - mulheres que conheceram a escravidão, mas que na sua maioria conseguiram, através de seus ofícios de quituteiras, vendedoras com seus tabuleiros, pagar aos poucos sua alforria e manter um digno padrão de vida. Elas se uniam em irmandades religiosas e conseguiam muitas vezes comprar a liberdade de seus irmãos, esposos e filhos. *Dona Petinha* estava sempre vestida com simplicidade, mas impecável como uma verdadeira rainha. Ela seguia:

— *Tempo é o nkisi da transformação. Estão vendo aquele mastro ali com a bandeira branca no topo, na frente do terreiro? Pois é, é a marca de Tempo. Ele aponta novos caminhos, onde tudo começa. E foi justamente a primeira coisa que colocamos aqui neste terreiro. Tempo guia seu povo através do tempo e do espaço, não deixa ninguém se perder, e a bandeira branca de tempo no topo mais alto ajuda a gente a se localizar, a achar o caminho quando a gente se perde da gente mesmo. Vocês ainda são pequenos, mas saibam que isso acontece a todo momento quando a gente cresce. Tempo também traz aquele sentido de união, de sermos malungos - companheiros do mesmo barco - pois, apesar das diferenças nas nossas origens, das nossas histórias, nos jogaram feito bicho nos navios tumbeiros.*

*Gente que vinha de muitos cantos, outras nações, vocês imaginem! Tudo, tudo na mesma condição, num sabe? E aí cada um com seus ancestrais, aqui, do outro lado do mar, tivemos de nos unir pra inventar o candomblé. Sim, a gente veio de lá, mas criamos o candomblé foi aqui, foi em África não. E sem deixar de fora os primeiros donos da terra, os caboclos. Ah, eu já ia me esquecendo, vosmecê está vendo aquela escada com uma lança voltada para cima, naquele altar branco? Ali é o assentamento de Tempo e lembra a nossa busca de evolução material, sem esquecer da espiritual.*

E assim ela ia desfiando a sua trama, relacionando o *nkisi Tempo* com a ancestralidade e o devir.

— *Já o orixá Iroko, está assentado aqui mesmo nessa árvore. Por isso, ninguém fica zanzando aqui em volta dessa árvore de noite, pois, dizem os mais velhos, que quando chega a madrugada, Iku - a morte - faz ronda em volta do pé de Iroko. Esse Iroko me acompanha desde menina, desde quando eu nasci. E eu sei que ele vai me amparar até quando chegar a minha hora de ir para o Orum.*

Os meninos, que antes estavam num burburinho alegre, pararam para escutar aquela senhora de voz firme. Não apenas as crianças, mas tudo parou à sua volta. Havia somente o tempo, a palavra da velha, o barulho do vento que balançava as folhas do pé de *Iroko*.

Eu gostava de sentir o cheiro de *Dona Petinha*, uma mistura de perfume das folhas, de cheiro de fogão à lenha com o de roupa lavada e coarada na beira do rio. O mesmo cheiro que me lembrava *Dona Didi*, uma velha benzedeira de meu tempo de menino.

Todo sábado *Dona Didi* passava lá em casa, chegava de manhã, rezava a gente com um ramo de folhas e ficava para o almoço. Depois do almoço, ela gostava de ficar sentada no chão, às vezes se deitava ali mesmo. Eu achava muito gostoso deitar no chão. E às vezes chegava para perto dela. Minha mãe ficava próxima, num banquinho. A gente ficava um tempão ali, descascando laranja, chupando cana, tangerina, que meu pai trazia da roça, ou beiju que *Dona Didi* trazia da casa de farinha. Eu sabia que minha mãe admirava muito *Dona Didi*. Tinha por ela imenso carinho, e eu também.

Mas meu pai não gostava mesmo. Tratava ela com certa indiferença. Eu acho que ele tinha um pouco de medo dela. De sua fama de feiticeira. Quando a velha chegava, ele ia para o escritório, ou para a biblioteca, ou até mesmo saía de casa chateado. Eu, muitas vezes, o ouvia falar baixinho:

— *Lá vem de novo esta candomblezeira. Esta velha tem um cheiro de murrinha!*

Eu achava bom que *Dona Didi* não ouvisse essas coisas, pois não queria que ela ficasse triste. A mim o cheiro dela não incomodava, muito pelo contrário, era um cheiro forte, de banho de folha. Como ela não se enxugava depois de tomar banho com a infusão de folhas maceradas — era assim que ela receitava — eu percebia vários pedacinhos de folha presos em sua pele.

Eram os mesmos ticos de folha que eu encontrava em *Dona Petinha*. Passei a organizar uma roda de histórias toda sexta-feira aos pés do *Iroko*. As crianças não faltavam, e as professoras ficavam bestas de ver os meninos todos concentrados, escutando a história. Aos poucos, as professoras também passaram a vir para perto escutar. *Dona Petinha* fazia o que nenhuma daquelas professoras jamais conseguira realizar em sala de aula. A velha ensinava sem esforço, educava sem a pretensão de educar, numa atitude cheia de encantamento. Dona de uma palavra viva, trazia lições conectadas com a vida prática das crianças, na qual tudo era pleno e repleto de sabedoria.

Contava histórias de bichos e de gente. De deuses e heróis de tempos diversos e lugares distantes. Narrava contos divertidos e também causos que tinham uma pontinha de medo e até de tristeza. Os meninos e meninas amavam tudo aquilo. A velha cantava, fazia trava-línguas, adivinhas e até tinha espaço pra tratar de comida, higiene e de doença e remédio. Era conhecedora do poder das folhas. Aliviava o mal estar com chás, xaropes e unguentos.

Certa feita, quando era ainda menino, fiquei doente. Meus pais já haviam me levado pra tudo que é médico, feito muitos exames, e não encontravam a causa do mal-estar. A febre não passava. Calafrios e moleza pelo corpo. Até que minha mãe pediu para chamarem *Dona Didi*. A velha rezou batendo as folhas em meu corpo e, instantaneamente, fiquei bem. Meu pai ficou pasmo. Naquela mesma hora, uma tia falou que alguém devia ter feito feitiço para me atingir. *Dona Didi* então respondeu que feitiço não existe, que o pior feitiço era o olho gordo, ou seja, a inveja, o egoísmo e o orgulho, e que, pra curar tudo isso, só mesmo o amor. Daquele dia em diante, meu pai amoleceu com *Dona Didi*. Percebeu que ela era sim uma bruxa, mas que as bruxas também eram boas.

Uma sexta-feira, *Dona Petinha* não foi aos pés do *Iroko* contar as histórias. Fui à casa dela e a encontrei acamada. Ela pediu desculpas, disse que estava cansada, mas que eu não me preocupasse. Sorriu e mandou que eu não deixasse as crianças esperando, que fosse eu mesmo lá contar as histórias. Fiquei com muito medo, mas sem ter outro jeito, obedeci. Expliquei aos meninos que naquele dia *Dona Petinha* não poderia comparecer. A minha esperança era que todos fossem embora assim que ouvissem a justificativa. Mas não arredaram o pé.

Falei firme:

— Hoje não tem história, *Dona Petinha* não veio.

Responderam logo:

— *Então conta o senhor!*

Eu gelei, com aquela ruma de meninos e meninas a me encarar.

Até que perguntei que histórias eles gostariam de escutar, e eles responderam sobre uma história de *Iroko* que *Dona Petinha* já havia narrado. Eu comecei tentando lembrar da história. Era mais ou menos assim: uma mulher queria muito ter um filho, mas ela e o marido já haviam tentado de tudo, curandeiros, adivinhos, feiticeiros e nada do tal do menino chegar.

Logo me bateu novamente uma insegurança de estar ali no lugar de *Dona Petinha*, e as imagens da história sumiram, emudeci. Mesmo assim, a cada vacilo, as crianças iam lembrando, interferindo e me ajudando a narrar. De repente, senti algo mágico, era como se eu estivesse sendo guiado pela voz de *Dona Petinha* aos meus ouvidos, e logo eu estava dentro da história, envolvido nas imagens e sentimentos da narrativa, num estado pleno, de encontro, de comunhão com aquelas crianças.

— *Continua a história, tio!*

— *Foi então que, ao consultar o oluwo - velho sábio que tinha o poder de ler a mensagem dos búzios - a mulher descobriu que Iroko tinha poder para lhe dar seu filho tão desejado. Todos os dias aquela mulher ia para os pés da árvore e prometia o que possuía e aquilo que não tinha, em troca de um menino. Se o Orixá da árvore lhe desse essa alegria, ela retribuiria com tudo do bom e do melhor.*

— *Vixe! Tá falando muito depressa, tio!*

Respirei fundo, lembrei novamente da voz de *Dona Petinha* e retomei a história:

— *A mulher tanto fez, tanto pediu... tanto prometeu, que Iroko deu. A barriga cresceu e meses depois ela pariu o rebento. O menino cresceu frondoso e a mulher era a criatura mais feliz daquelas terras. Porém, esqueceu da promessa. Quer dizer, bem que lembrava a cada novo dia, ela não queria era pagar o que devia. Começou a evitar o caminho que passava em frente da árvore. Dava uma volta grande para ir ao trabalho todos os dias, passava por uma ponte, subia uma montanha, só pra não passar defronte à árvore e não ter que honrar a promessa.*

— *Tá parecendo com Bebê, tio, que comprou fiado na venda e agora só pode passar do outro lado do passeio, pra Dona Lita não cobrar dele.*

— *É mentira dele, tio!*

— *Psiu! Deixa ele continuar a história!*

— *Certa feita, caiu uma tempestade tão forte que destelhou casas, alagou ruas, derrubou pontes, e sem ter outro jeito a mulher seguiu com seu filho, naquele tempo já grandinho, caminhando rumo ao trabalho e se preparou para passar aos pés de Iroko. Respirou fundo, segurou forte na mão do menino e saiu puxando o bracinho, num passo firme, ligeiro, sem nem olhar para a frondosa árvore. Já ia longe, quando se deu conta de que a criança não estava ao seu lado. Aterrorizada, resolveu virar para trás... avistou a árvore levantando o menino em seus galhos, bailando com a criança suspensa no ar. A árvore e o menino dançavam, felizes. Iroko o balançava de um lado a outro. A mulher, apavorada, correu para tomar seu filho de volta, foi quando as raízes da árvore abriram uma fenda no chão e tragaram o menino, para sempre.*

Fiz uma pausa para olhar o rosto das crianças que pareciam não respirar. Naquele momento, senti que eu, *Dona Petinha*, as crianças, todos estávamos vendo, em nossa frente, a mãe diante do *Iroko* e enxergávamos através de seus olhos o filho ser tragado pelas raízes da árvore. Após esse choque, todas as crianças falaram junto comigo a última frase daquela triste, mas linda história:

— *Iroko dá, Iroko tira. O tempo passa, a folha vira!*

E assim, saímos todos de alma lavada. Fechei os olhos e agradeci a *Dona Petinha*:

— *Adupé!*

Visualizei seu rosto a sorrir. Guardo essa imagem dela em minha memória até hoje.

Naquela madrugada, *Dona Petinha* faleceu dormindo. Disseram que não soltou nenhum gemido. De manhãzinha, resolvi ir ao terreiro para prestar minha solidariedade à comunidade de nossa amiga querida. Quando cheguei à porteira, percebi uma névoa espessa pairando no ar. Uma nuvem de poeira clara. Me deparei com as imensas raízes do *Iroko* voltadas para o céu. O *Iroko* havia se desprendido da terra. Tombou com seu enorme tronco no chão. O mais impressionante é que ele poderia ter caído em cima das casas, da escola, das pessoas, mas ele foi cair justamente no único espaço vazio, onde não machucaria nada nem ninguém.

Imediatamente, lembrei da conversa de *Dona Petinha* sobre o *Iroko*. Ele a acompanhou desde sua chegada ao *Ayê* e com ela esteve até o fim, cumprindo a sua missão de protegê-la, assim mesmo como ela disse.

E, agora, *Dona Perpétua* seguia com o *Iroko*, rumo ao *Orum*, em meio às brumas daquela manhã, serena e ativa, de mãos dadas com a árvore *Tempo*.

## **Sobre o Autor**

**Rafael Morais de Souza** É criador e Diretor Artístico da Companhia Teatro Griô, Escritor, Palestrante, Ator, Professor e Diretor de Teatro. Tem experiência profissional com grandes mestres de teatro, no Brasil, Inglaterra e Itália. É Bacharel em Interpretação Teatral – UFBA e especialista em Técnica de Palhaço e Contador de histórias, Mestre em Artes Cênicas – UFBA e Doutorando em Artes Cênicas UFBA. Especialista em Mitologia Comparada à Psicologia Analítica – IJBA/EBMSP. Lecionou nos Cursos de Graduação em Licenciatura em Teatro e Bacharelado em Interpretação e Direção Teatral da Escola de Teatro da UFBA (2006-08), onde também foi Professor do Curso Livre de Teatro. Trabalhou como ator em diversos espetáculos teatrais no Brasil e exterior, como: *Pequenos Burgueses*, com direção de Harildo Déda; *O menino que era rei e não sabia*, de Carlos Petrovich; *Cidades Invisíveis*, de Pino di Buduo; *Trilogia Baiana*, de Meran Vragens; *Para os desmemoriados do amor*, de Hebe Alves; *Batuque*, de Anselmo Serrat; *O Auto da Compadecida*, direção de Hermilo Menezes, dentre outros. Lecionou teatro em diversas ONGs, Institutos Culturais, Festivais de Teatro. Preparador de Elenco de diversos espetáculos profissionais, dentre eles: *Cuida Bem de Mim*; *Só*; *Comédia do Fim – quatro peças e uma catástrofe*, de Samuel Béckett; *Policarpo Quaresma*, de Marcos Barbosa, dirigidos por Luiz Marfuz; *Ribalta*, de Paulo Henrique Alcântara; *Odiséia*, de Adelice Souza, dentre outros. Criou, dirigiu e atuou, no espetáculo *O Caçador de sonhos*, e é autor e diretor de *Na Teia de Ananse*, onde transpõe para a cena o processo de criação de um ator-griô.